

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

PACTO DO DIA

Responsável por este restaurante antropófago venho hoje oferecer ás queixadas catecúmenas uma comida de arromba:

— Salta o pacto de Kellog com mólho de hipocrisia norte-americana!

Pois os senhores já viram imbecilidade mais revoltante?

Reunem-se em grave assemblea os conhecidos bandoleiros Janjão Taco, Neco Facão, Prazer das Morenas e Totó Sururú. E que é que resolvem? Declarar o assassinio e o roubo fora da lei. E o mundo inteiro aplaude o pacto solene.

O norte-americano que inventou essa obra-prima de cinismo e falsidade é o mesmíssimo norte-americano que intervem na Nicarágua e aumenta todos os dias a sua força guerreira. E a Europa que nessa obra-prima colaborou é a mesmíssima Europa que trucidou chineses e africanos e vive há muito tempo lavando a sua roupa ensanguentada em publico.

O Brasil foi convidado para aderir a essa pouca-vergonha. Mas antes de pôr o seu jamegão no pacto deve perguntar aos pandêgos se só agora descobriram que a guerra é uma infamia. E se quizer participar da pagodeira que vá até Paris munido de máscara contra gases asfixiantes. Com gente de tal ordem toda a precaução é insuficiente.

Quanto a nós, deglutido o pacto de Kellog, atacaremos a pombinha da paz.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

NOTURNO DA RUA DA LAPA

A janela estava aberta. Para o quê, não sei, porém o que entrava era o vento dos lupanares, de mistura com o eco que se partia nas curvas ciclodais, e fragmentos do hino da bandeira.

Não posso atinar no que fazia: se meditava, se morria de espanto, ou se vinha de muito longe.

Nesse momento (oh! porquê precisamente nesse momento?) é que penetrou no quarto o bicho que voava, o articulado implacavel, implacavel!

Compreendi desde logo não haver possibilidade alguma de evasão. Nascer de novo também não adeantava. — A bomba de flit! pensei comigo. E' um insecto.

Quando o jacto fumigatorio partiu, nada mudou em mim, os sinos da redenção continuaram em silencio, nenhuma porta se abriu, nem fechou. Mas o monstruoso animal FICOU MAIOR. Sentí que êle não morreria nunca mais, nem sairia, comquanto não houvesse no aposento nenhum busto de Palas, nem na minh'alma, o que é pior, a recordação persistente de alguma extinta Lenora.

MANUEL BANDEIRA

**«ESTA TERRA E' NOSSA EMPRESA,
E O MAIS GENTIO DO MUNDO.»**

MANOEL DA NOBREGA

DESLUMBRAMENTO

(do Meia-pataca)

ao Mario de Andrade

Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dóe.
Morena batuta
segura essas frutas
segura que cáem.

Meus olhos cobiçam
delicias assim
que a fome chegou.
Meus olhos cobiçam.
E doidos nem vêm
que são temporans.

Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dóe.

(CATAGUAZES)

GUILHERMINO CESAR.

POEMA BRASILEIRO N. 2

Eram doze touros novos que vinham vindo
de longes pastos separados
— aboiados
por treis negros vaqueiros amontados
em velhos pungas desengonçados.

E eram doze novilhas — já no ponto — viciadas,
ha muito tempo separadas
em outras pastagens afastadas,
e, agora, na Fazenda, encurraladas.

Os doze touros novos vinham vindo,
— com ruidoso estrépito —
as palpebras caídas sobre os olhos tímidos,
em urros bravios e mugidos téticos,
ora afundando os chifres grossos nos barrancos
húmidos;
ora erguendo, no alto, nuvens espessas pela estrada
poenta.

E quando a porteira do curral se abriu,
e aqueles doze touros, numa furia, se confundiram
com as doze novilhas viciadas,
os vaqueiros, num impeto, se acoraram no velho
côcho da Fazenda em ruínas,
pra gozar a testança da boiada.

(CATAGUAZES)

HENRIQUE DE REZENDE.

JA' SAIRAM:

Macunaíma

de Mario de Andrade —

7\$000 — pedidos para rua Lopes Chaves
n. 108 — SÃO PAULO

e

Laranja da China

de António de Alcântara Machado —

6\$000 — pedidos
para Caixa Postal n. 1269 —

SÃO PAULO

PETROPOLIS

Cidadesinha do monumento de Pedro o Imperador
Cidadesinha férias
e "Frigidaire"

O verão alegre e fresco
banha-se no Piabanha
e enxuga-se na sombra do arvoredo
Cubos brancos e de tons vivos
dão vivas
ao quadrado azul do céu
No ar ha gorgeios maduros
d'aqui
da pontinha

Villas de cariocas neurasthenicas
com grammados pensativos
e hortensias
hortensias
hortensias toda a vida
recolhem-se silenciosas
e repousam

Carruagens estremecem apavoradas
sobre as pontes de madeira tropejantes
A paisagem abacate
faz um esforço banbanban para se parecer
com os quadros de Baptista da Costa
(RIO DE JANEIRO)

ALBERTO DEZON

SCHEMA AO TRISTÃO DE ATHAYDE

Oswald de Andrade

Saberá você que pelo desenvolvimento logico de minha pesquisa, o Brasil é um grilo de seis milhões de kilometros, talhado em Tordesilhas. Pelo que ainda o instinto antropofagico de nosso povo se prolonga até a secção livre dos jornaes, ficando bém como symbolo de uma consciencia juridica nativa de um lado a lei das doze taboas sobre uma caravella e do outro uma banana. Da mesma maneira nós todos com o padre Cicero á frente somos catholicos romanos. Romanos por causa do centurião das procissões. Não foi inutil vermos de olhos de creança a via-lactea das semanas santas emparedadas com o soldado e a legião, atraz da cruz. O Christianismo absorvemol-o. Se não! Trazia dois graves argumentos. Jesus filho do totem e da tribu. O maior tranco da historia no patriarcado! Chamar São José de patriarca é ironia. O patriarcado erigido pelo catholicismo com o espirito-santo como totem, a aununciação etc. Dona Sebastiana vae pular de gana! Mas o facto é que ha tambem a antropofagia trazida em pessoa na communhão. Este é o meu corpo, Hoc est corpus meum. O Brasil indio não podia deixar de adoptar um deus filho só da mãe que, além disso, satisfazia plenamente gulas atavicas. Catholicos romanos.

O facto do grilo historico, (donde sahirá, revendo-se o nomadismo anterior, a veridica legislação patria) afirma como pedra do direito antropofagico o seguinte: A POSSE CONTRA A PROPRIEDADE. Como prova humana de que isso está certo é que nunca houve duvida sobre a legitima acclamação de Casanova (a posse) contra Menelau (a propriedade). Isso nos Estados Unidos foi significado ainda ultimamente pela defeza de Rodolpho Valentino, produzida pela gravidade de Mencken. Tinha muito mais razão de ganhar dinheiro do que os sabios que vivem analysando escarros e tirando botões dos narizes dos bebês. Muito mais! Porque afinal é preciso se pensar a onda de gozo romantico que elle despejou sobre os milhões de vidas das senhoras dos caixas e dos burocratas. Isso é que é importante.

No Brasil chegámos á maravilha de crear o DIREITO COSTUMEIRO ANTI-TRADICIONAL. É quando a gente

fala que o divorcio existe em Portugal desde 1910, respondem: — aqui não é preciso tratar dessas cogitações porque tem um juiz em Piracicapiassú que annulla tudo quanto é casamento ruim. E' só ir lá. Ou então, o Uruguay! Prompto! A Russia pôde ter equiparado a familia natural á legal e, supprimido a herança. Nós já fizemos tudo isso. Filho de padre só tem dado sorte entre nós. E quanto á herança, os filhos põem mesmo fóra!

Ora, o que para mim, estraga o Occidente, é a placenta juridica em que se envolve o homem desde o acto de amor que, alias, nada tem que ver com a concepção. Filhos do totem! Do Espirito Santo! Isso sim! Como aqui! Viva o Brasil!

Mas vamos a factos. Sahiram dois livros puramente antropofagicos. Mario escreveu a nossa Odyseea e creou duma tacapada o heroe cyclico e por cincoenta annos o idiona poetico nacional. Antonio de Alicantara Machado deu uma coisa tao gostosa e profunda como a secção livre do Estado.

NOTA —

A secção livre do Estado é o campo onde se debatem com tesouras D. Chiquinha Dell'Osso e D. Maria F. Brandão. A Grecia tinha as suas escolas de philosophia. Nós temos as de córte.

Ha homens, meu caro, no Brasil novo. Acabo de conhecer Edgard Sanches, lente de philosophia do direito na Faculdade da Bahia. Um homem fecundante. E estupendo. Outros são a mocidade de Martinelli e Outros Arranha Céos. Daqui! Eduardo Pellegrini, Paulo Mendes e Americo Portugal. E Raul Böpp? E' um colosso! A elle devo immenso! A rede telegraphica mais possante da verdade brasileira. Eis um trecho de carta sua a proposito da fundação que ora tentamos de um Club de Antropofagia e de uma grande festa que proponho para a vespera de 12 de Outubro. E' uma carta a Jurandyr Manfredini, de Cürtyba, publicada a 2 de Setembro na Gazeta do Povo, dali. Depois de detalhar os argumentos do grilo — base do direito patrio eil-o que diz:

“Comemos o resto do Territorio.

Ahi está a lição do nosso Direito. Devemos nos plasmar nessas origens historicas.

Revisão da religião. O nosso povo tem um temperamento supersticioso, religioso. Não contrariemos. Vamos crear a santoral brasileira: Nossa Senhora das Cobras, Santo Antonio das Moças Tristes, tudo isso... Admittir a macumba e a missa do gallo. Tudo no fundo é a mesma cousa. O instinto acima de tudo. O indio como expressão maxima. Educação de selva. Sensibilidade aprendendo com a terra. O Amor natural fóra da civilização, apparatusa e polpuda. Indio simples: instinctivo. (Só comia o forte).

E' a communhão adoptada por todas as religiões. O indio commungava a carne viva, real. O catholicismo instituiu a mesma cousa, porém acovardou-se, mascarando o nosso symbolo. Veja só que vigor: — Lá vem a nossa comida pulando! E a “comida” dizia: come essa carne porque vae sentir nella o gosto do sangue dos teus antepassados.

(Só comiam os fortes). Hans Staden salvou-se porque choreu. O club de Anthropophagia quer agregar todos os elementos sérios. Precisamos rever tudo — o idioma, o direito de propriedade, a familia, a necessidade do divorcio —, escrever como se fala, sinceridade maxima.

(O macunaima é a maior obra nacional. Você precisa lêr. Macunaima em estado de ebulição. Depois disso cõa-se. Toma festim moderado, com saldo a favor). Vamos fazer um levantamento topographico da moral brasileira, a funda sexualidade do nosso povo. Vamos rever a historia, daqui e da Europa. Festejar o dia 11 de Outubro, o ultimo dia da America livre, pura, descolombisada, encantada e bravia”.

Quanto ao equivoco de se pensar que eu quero é a tanga, affirmo e provarei que todo progresso real humano é patrimonio do homem antropofagico (Galileu, Fulton etc.). De resto, Bernardi Shaw já disse: Está mais proximo do homem natural quem come caviar com gosto de que quem se abstem de alçool por principio. E' isso!

UM POETA E UM PROSADOR

MANUEL DE ABREU —
Substância — Rio de Janeiro — 1928.

Uma das poesias podia dar o título ao livro: *Are you ready?* Porque *Substância* é um jogo de tennis entre autor e leitor. As bolas vêm violentamente, sem parar, num bate-pula danado. Nem tempo para respirar a gente tem.

Tudo é mais ou menos deste jeito:

Sinto em mim uma Cidade
jardins
lirismo da minha
raça os arranha-céus da ilusão
piscam
na via-lactea das vidraças
arrabaldes
debalde!

E tomem bola.

Nesse fogo e nesse arrojo não é difícil descobrir talento e sensibilidade.

A poesia de Manuel de Abreu não possui colorido brasileiro algum. É internacional. Europeia talvez seja mais certo. Cossa que hoje em dia e entre nós constitui originalidade. E quem sabe qualidade. Porque afinal de contas sempre é melhor tomar um expresso-internacional do que o mixto de São Pedro do Cariri. Leva onde se queira. Inclusive à própria terra em que a gente nasceu.

MARIO DE ANDRADE —
Macunaíma — São Paulo — 1928.

A's vezes a gente em literatura pede

a Deus que apareça um livro bom só para poder dizer aos autores de livros maus: Assim é que vocês deviam ter feito.

Macunaíma tem esses dois valores: é um livro bom (não sei se já repararam na força que há nessa palavra: parece um tiro de canhão) e é um livro oportuno. É o bem oportuno portanto. Chegou na hora. Veiu pôr no seu devido pé a famigerada brasilidade atrás da qual correm suados e errados desde muitos anos os escritores deste Brasil tão imenso mas tão arraial ainda.

Há que tempo Machado de Assis dizia por outras palavras que ser escritor brasileiro não é tão simplesmente cantar o índio e botar numa paisagem ipês em flor. O Brasil não é isso só. Ou melhor: o Brasil não é isso. Qualquer estrangeiro é capaz de fazer um romance muito bem feitinho com personagens desta terra movendo-se nesta terra. Agora o romance da terra só um brasileiro pode escrever. E há de escrever passando além do visível e do palpável. Não se contentar com aquilo que a terra oferece e mete pelos olhos da gente a dentro. Mas sofrer o sofrimento da terra, gozar o gozo da terra, rir o riso da terra, viver a vida da terra.

Só este refrão de *Macunaíma* — Ai! que preguiça!... — vale como brasilidade mais do que todas as ruazinhas de arrabalde, todos os tutús de feijão, morenas de chita e tal que enchem os versos dos nossos curumins contemporâneos.

Paulo Prado, em conversa costuma caçoar dessa mania que muito novo (ou pretendente a tal) tem de gritar esmurando o peito: Eu sou brasileiro! Eu sou brasileiro! Eu é que sou o verdadeiro brasileiro! Burrice, moço. Se você é brasileiro não precisa gritar que é: a gente vê logo.

Mario de Andrade é dos que não gritam nem fazem questão de parecer. Pois ele é ainda que não queira.

Macunaíma tem tanta moleza, tanta senvergonhice, tanta basófia bem nossas e talvez só nossas que dá vontade da gente se estirar nas páginas dele como numa rede e balanço vai balanço vem se abandonar e se esquecer naquela gostosura.

Rapsódia nacional (com o r bem rolado) de lendas, de anedotas, de cheiros, de tudo. A lingua então é a mais poética possível. Parece uma música. O violão sempre acompanhando.

E o mais bonito é que Mario se mostra inteirinho no livro (o que acontece em todos os que publica aliás). Poucas vezes tenho visto tamanha falta de respeito humano. Há páginas em que a gente se contem para não disparar com o autor: Saia daí, diabo. Como ele mesmo fez no *Amar*, verbo intransitivo.

Percebe-se claramente que Mario ama o herói a tal ponto que quer ser o herói. Mas é bom que a gente o desiluda. Mario é um pedacinho do herói. O herói somos nós todos juntos. Até eu, porque não?

A. DE A. M.

LEIAM:

Augusto Meyer —

GIRALUZ (versos)

Manuel de Abreu —

SUBSTANCIA (versos)

BREVE:

Menotti del Picchia —

E. U. DO BRASIL (versos)

F. T. Peixoto e Guilhermino Cesar —

MEIA - PATACA (versos)

CAETÊS

Esta é de um sabio que cultivava em S. Paulo a sciencia e a blague:

— Pedirei, com devoção, ao Senhor de Bonfim, Santo bahiano que realizou o milagre de nunca fazer um discurso, que resuscite os caetés, porque assim como devoraram o bispo Sardinha, que construiu a memoravel igreja que agora se quer destruir na Bahia, devorem o sr. Arcebispo, que a quer botar abaixo...

Talvez os caetés — illuminados! — comeram Sardinha por ter erguido a santa igreja. Previã a heresia 1928 do antistite. Sabios videntes os nossos paes de tanga!

MENOTTI DEL PICCHIA

LUNDU' DO ESCRAVO

MARIO DE ANDRADE

Tendo colhido aquele Romance que dei noticia no último número desta "Antropofagia", como falei, sube da existencia do palhaço preto Veludo. Pelas coincidencias dele ter portado muita feita em Araraquara, ser preto e as moças guardarem o Romance da boca dum palhaço preto de Araraquara mesmo, achei que de certo o Veludo é que cantava o documento.

Sci com firmeza mas é só que esse palhaço tirava um lundú em que vinha o refrão do Romance, com variante mirim:

"Eu fiquei todo sarapantado
Como gambá que caiu no melado".

Mais outra senhora de Araraquara mais uma estrofe tambem. E foi da memoria dela que Veludo renasceu com as macaquices nome cor e tudo.

Finalmente minha felicidade me levou pra um senhor velhuco já, com memória de genipapo indelevel, voz musical e bondade como ninguem. Este senhor foi praceano aqui da capital toda a vida e ali por 1876 vasava as energias de curumim frequentando o circo da companhia Casali que parava sempre meses no largo de S. Bento. Depois o menino tomava sorvetes na confeitaria perto. Pois nessa companhia é que estava o Antoninho Correia, palhaço brasileiro de cor bran-

III (S. Paulo)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai cortá as tuas unha
Que tu tá para casá,

E eu fiquei todo contentado
Como gambá que saiu do laço!
Seu bem me dizia (ter)
Que eu havia de casá!

IV (Minas, D. Alcina de M. Pinto)

Quando meu sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;

Lundú do Escravo

Recitando (M. 4/2)

Quando mia sinhô me disse: — Pai Francisco, venha cá! Vai chaviá

Metrificando (M. 4/0)

ma feito, que tu tá para apanhá. Eu fiquei todo espantado Com um gam-
bá que caiu no laço Seu bem me dizia, Seu bem me dizia, Seu bem me di-
zia que havia de pagá!

Esse lundú é bem da nossa tradição pelo menos no Brasil central. Dona Alcina de Magalhães Pinto ("Cantigas das Crianças e do Povo", ed. Alves, pg. 82) dá uma variante da música em que tambem o refrão se modifica assim:

"Iô ficou tudo espantado
Como um pintinho que caiu no melado".

(Tambem a versão de S. Paulo capital, que vem adiante conserva "espantado").

Das estrofes da que chama "cantiga de palhaço" dona Alcina de Magalhães Pinto dá só uma.

Um senhor de Araraquara, junto com outra estrofe me restabeceu o refrão em fala mais típica:

"E iô ficô todo assarapantado
Como gambá que caiu na raçada".

("Raçada" com r brando é laçada).
Outro senhor do Tietê trouxe pra mim mais uma estrofe, escutada lá.

ca. Se pintava de preto e tirava tambem o lundú. E pude ajuntar mais uma estrofe e a versão musical completa que vai aqui junto. Com mais outra estrofe me dá r por uma senhora de S. Paulo, reuno um Lundú do Escravo, já bem satisfatorio no tamanho. Assim:

1 (Araraquara)

Quando mia sinhô me disse:
— Pá (i) Francisco, venha cá;
Vá lá na sanzalaria
Zicuiêra (recolher) us criurinho.

Eu fiquei todo espantado
Como gambá que caiu no laço!
Seu bem me dizia (ter)
Que eu havia de pagá!

II (S. Paulo)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai chamá sua feitô
Que tu tá para apanhá,
(Refrão)

Vá lavá tua zipé
Que tu tá pra te casá,
(Refrão)

V (Araraquara)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai lá na sanzalaria
Que tu tá para casá,
(Refrão)

VI (Tietê)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai buscá papé e tinta,
Pra você se escrevinhá,
(Refrão)

Como estão vindo, os passos principais da vida do escravo vêm aí todos. (Aliás a última estrofe interpretei por mim como alforria). Trabucou, recolheu os criolinhos, levou bacalhau que não foi vida mas porém na sanzalaria se arregalou tirando uma unha com as boas, lavou o pé, cortou a unha, casou, casou, casou! Casou por

(Cont. na p. 6)

Um pedaço do meu poema A VOZ TRISTE DA TERRA

Eu devia ter ficado
perdido nos meus terrores

Não me deviam ter dito
os nomes das coisas bonitas
que os barcos trouxeram de longe
nem a natureza de tudo o que eu via.
Deviam ter deixado que eu adivinhasse...
Eu adivinaria!

E nem me ensinaram a amar
as coisas tão simples e puras
que eu tinha na terra.
E deram-me uma alma
mais velha e mais triste que a minha!
E eu que era menino
dei para pensar
e envelheci esquecido de mim mesmo.

Agora é que eu vejo que não vivi
que estou entre coisas immensas e bellas
que a terra desprende um aroma excitante.
Agora é que eu vejo que ha vida
em torno de mim.
E eu sinto em desejo febril de viver.

Agora é que eu quero
a alma ingenua que a terra me deu
pra sentir pra gozar isto tudo
isto tudo que vejo juntinho de mim.

Voltar! Mas agora que eu devo ir buscar
a alma forte
a alma pura
a alma simples de outrora
agora meu Deus eu não posso voltar!

Os rumos são outros.
Não sei pra que lado ficou meu passado.
Já nem sei como andar.
Me perco no tempo.
Me perco no espaço.
E soffro esta angustia sem fim de ficar!
E ha tantos caminhos que fogem chamando!

Mas agora meu Deus é impossível voltar!

(PARAHYBA)

PERYLLO DOLIVEIRA

LUNDU' DO ESCRAVO

(Cont. da p. 5)

tres estrofes dando tempo pra velhice chegar. Pois então depois duma quarta-feira em que geou na cabeça dele Francisco virou Pai Francisco e o dono o alforriou. E essa vida os palhaços eternisavam no circo pra divertir filho de branco. "Fio dim baranco" os Pais Franciscos falavam...

("Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão,
Chega na tera dim baranco
Iô me chama Pai João")

("Canções Populares do
Brasil", Brito Mendes.)

Na versão musical que registro parece ter junção de música diferentes ou pelo menos acrescentamento de parte. Com efeito nem dona Alexina de Magalhães Pinto nem ninguém, a não ser o menino que comia sorvete espectáculo acabado, conhecia o ditico:

"Seu bem me dizia
Que eu havia de pagá (ou, casá)".

Porém essa parte, falando musicalmente, não discrepa do resto do refrão e parece de origem africana também.

A reunião de documentos musicais distintos é muito comum no popular brasileiro. Pode ser tendencia nossa pra... engrandecer as coisas... Ah, rapazes! vocês nunca não verão país nenhum talequal o nosso!... Exemplo tipico desse engrandecimento foi no nordeste (Silvio Romero) a mania de finalizar qualquer chegada ou reizado com a representação de Bumba-

meu-Boi, embora discrepando do assunto anterior. (O que aliás concorda com a arquitetura da trilogia grega terminando com uma comedia.) No meu proximo "Ensaio sobre Música Brasileira" dou uma versão paulista do "Sapo Cururú" em que o texto e a música vêm acrescidos dum refrão mas discrepante por completo. Nas rodas infantis brasileiras é comum esse processo de encompridar a cantiga pela junção de várias rodas.

A forma musical da Suite é positivamente uma das preferidas pela nossa gente. Está nos fandangos de Cananea, se manifesta no Congado, no Maracatú, no Samba-do-Matuto, no Boi-Bumbá, no Pastoril, etc. Essa tendencia foi em parte, me parece, o que impediu maior generalização dos documentos musicais pelo país. As peças eram compridas por demais pra ser facil a transmissão oral de texto e música. Si essas danças por serem dramaticas e por isso com entrecho mais ou menos obrigado, forçavam a que no texto se desse apenas variantes dum modelo inicial, ficou hábito cantarem êle com música nova, inventada no lugar. Lá no norte onde principalmente o Bumba-meu-Boi é representado todo ano (no nordeste pelo Natal, na Amazonia pelo S. João) a música muda de cidade pra cidade, de engenho pra engenho até. Em certos lugares como em Belem com o Boi-Bumbá e no Recife com o Maracatú a música muda de ano pra ano, pelo que me informaram. Não digo que seja bem mal isso porém levou o pessoal pra utilização de foxtrofes e maxixes importados, o que pode aca-

chapar a invenção deste povo preguiça.

Quanto especialmente ao documento que revelo hoje, o principal valor critico dele está na liberdade ritmica da estrofe cantada. Si não botei compasso pra ela foi pra caracterisar mais isso. O primeiro verso vai bem batido no ritmo e no tempo. Os outros tres vão com uma liberdade prosodica, um rubato de expressão oratoria, impossível da gente registrar com os valores da grafia musical tão deficiente. Me parece que os nossos compositores deviam de estudar mais essa tendencia pro recitativo de expressão prosodica e pro ritmo livre de muito documento popular brasileiro. Porquê na composição artistica, os que estão inventando já dentro da especie brasileira, permanecem por demais dentro da forma quadrada. Isso dá pra obra deles uma essencia de pasticho muito! Do mesmo geito que, dos nossos romances tradicionais a poesia artistica pode tirar uma liberdade estrofica em que a gente fica bem comodo (foi a solução de Catulo Cearense; ver também a "Oração ao Negrinho do Pastoreio" de Augusto Meyer, n.º 4 desta revista); do mesmo geito os nossos compositores podem conceber normas muito caracteristicamente brasileiras de criar melodia infinita. Nas emboladas, nos cocos, nos desafios, nos pregões, nos abóios, nos lundús e até nos fandangos a gente colhe formas de metro musical livre e processos prosodicos e fantasistas de recitativos que são normais por aí tudo no país. Isso os artistas carecem observar mais.

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

O JARDIM PUBLICO

YAN DE ALMEIDA PRADO

III

No parque havia duas zonas de amôres completamente diversas — a das meninas da vizinhança que namoravam, e a das mulheres da vida a cata de fretes para conseguirem pagar a diaria do bordel. A primeira zona consistia nas duas avenidas que esquadrinham em angulo réto o coreto; a segunda era delineada pelo caminho que dá volta ao tanque. O capão de altas arvores cuja ramaria forma toldo sobre a musica era o limite das duas e a linha divisoria.

Na zona das meninas os almofadinhas do bairro paravam na beirada das largas avenidas, enquanto as namoradas transitavam deante deles e com eles comunicavam-se apenas por meio de olhares e risos. Muito diferente era o trecho reservado às mulheres da vida. A exiguidade do passeio mal dava para elas se esgueirarem quando nos dias de muita afluencia os homens enchiam o caminho. Nessas ocasiões, ao se encontrarem dois magotes — um composto de desordeiros e outro de mulheres fáceis — resultavam correrias que escandalisavam os burgueses extraviados no lugar. O habitante do Interior por ali a passeio com a mulher e filhos, de repente percebiam a travessia da inexperiencia, quanto as margens do tanque eram mal frequentadas. Via com pasmo na confusão provocada pelo choque de homens e mulheres, os palpões dos gaiatos obrigando as mulatas e pretas a fugir no meio de gritaria e gargalhadas. O sertanejo (vinho de onde ainda existe recheio da farda), extranhava serem os mais barulhentos entre a molecada os soldados da policia, que não respeitavam mulher alguma encontrada a passear em redor do tanque. Ao burguez antigo da cidade (mórmente o paulista legitimo, que sempre arrengou militares), o cfeito causado era diferente. Lembra-vam-lhe os excessos da soldadesca, os tempos da "Guarda Urbana", composta do rebotalho das tropas da campanha do Paraguai, que pela tradição popular, tornava perigosa a vizinhança dos quartéis. Dizia-se então, que só criaturas feias se aventuravam de proposito á noite, nos lugares frequentados pelos "urbanos".

Uma mulatinha que desgarrara ás companheiras, atemorizada pela brutalidade dos homens, refugiou-se no extremo do caminho entre uma nesga do gramado e o gradil de uma ponte. Apesar do retraimento era alvejada com piadas grosseiras, obscenidades,

convites atrevidos, tentando os mais ousados, esbarrões que ela evitava subindo no canteiro. Entretanto o receio não lhe impedia de mariscar na multidão homem que a satisfizesse naquela noite.

O olhar furtivo e repetido com que repassava soldados e paisanos, depa-rou em certo momento tres sargentos da Força Publica que caminhavam juntos. Diversos na tez e na corpulencia, regulavam a mesma altura. O primeiro robusto, castanho e claro, o segundo ossudo e moreno, o ultimo tambem trigueiro, provido de ampla musculatura a modelar a túnica do uniforme. Representavam a mescla da milicia do Estado, onde elementos vindos de tão longe, e tão diversos, os do Norte diferindo dos do Sul até na origem da raça branca; no Pará ou no Maranhão descendentes de alentejanos, no Rio Grande de imigrantes das Ilhas; confundiam-se entretanto num molde unico — a farda azul ferrete largamente listada de encarnado.

Ao passarem os rapazes perto da mulatinha coincidiu chegarem tambem as companheiras. Formou-se bolo em volta da rapariga, que estimulada pela presença das outras disse alto para ser ouvida de longe:

— I... Dita, era um moreno assim que me servia...

Mas quem devia receber a indireta, não a ouviu. Quando o mais ossudo dos tres advertio-o a rir, já iam longe das mulheres que tinham parado no mesmo sitio.

O rapaz que reparara caçou com o distraido.

— Gostei agora do Candido, anda tão farto de rapariga que já nem liga para gadinho miudo, de hoje em diante só franceza...

Pouco antes queixara-se Candido da falta de mulheres bonitas no Jardim, de sorte que a reflexão provocou gargalhadas.

— Onde é que você está enxergando gado?

— Olha aquela vestida de branco, ali na esquerda perto da arvore, ali homem... não está vendo! Ela quer alguma coisa com você...

O interpelado voltou-se logo que o companheiro falou, ciliando na direção apontada, mas poudo apenas vislumbrar na turba o rosto da mulata que lhe pareceu bonito.

A exclamação da moça iscou o interesse dos rapazes que resolveram espectral-a mais as outras perto do co-

reto. Não era acontecimento unico no Jardim — nem tampouco comum — mulheres provocarem de forma tão descarada os homens que lhes apeteciam. Porém mesmo as mais desfavorecidas, as que tinham noção de serem as ultimas entre a peor negrada, só davam demonstrações diréttas ao homem que viam pela primeira vez, quando fortemente tocadas de pinga. Em outra ocasião a vaidade feminina impedia que elas se oferecessem deante das outras. Sómente a certeza de exito podia levá-las a praticar o contrario, tratando-se algum recruta novo, que desprovido de dinheiro e cheio de seiva, aceitava qualquer mulher. O rapaz aceitava e esquecia com igual rapidez; era o mesmo que uma necessidade aliviada atraz de um muro. Não faltavam então nem sequer os transeuntes para surpreenderem o coito (no recanto do Canindé onde o par tinha ido depois do Jardim), e que não resentiam da espetaculo mais especie do que si fosse de cães nocio. A gente do bairro estava familiarizada com a scena, frequente pelos terrenos reunos e atraz das cercas desde a boca da noite até o alvorecer. Todos sabiam que quando alguém parava e aproximava, não era por troça ou por curiosidade, era na realidade outro macho que vinha buscar o seu quinhão. Si o primeiro consentia tudo se passava sem maiores novidades, na maior camaradagem, do contrario, registavam os jornaes do dia seguinte mais um caso policial de ferimentos ou morte na varzea.

As mulheres que não pertenciam á ultima categoria — das que nem tétó possuem para recolher homem — não careciam de se dirigir primeiro para o individuo que as impressionava. Era suficiente pisar no caminho do tanque para sentirem-se seguidas de matilha infinita, perseguindo-as com propositas e ditos pesados como pancadas. Quando a brutalidade dos homens ultrapassava certos limites vinha a resposta na mesma forma, bocas desdentadas ferviam num diluvio de insultos, quando a crioula não repelia com o braço os mais atrevidos. Por outra, ao accitarem alguém, riam de modo que o perseguidor logo comprehendia. Daí por deante ele não largava mais da sáia que a poder de encontrões ia varrando a multidão, e apoz algumas voltas dadas á volta do tanque apareciam na rua com trato feito e destino certo para o resto da noite.

(Continua)

BRASILIANA

V

EAU - DE - VIE

De uma nota intitulada **Extraordinaria diffusão do alcoolismo na Russia**, publicada pelo Estado de S. Paulo, n. de 6-IX-28:

"O mesmo jornal publica os resultados de um inquerito feito em duas escolas, a respeito de alcoolismo.

.....
Resultados:

.....
8 p. c. das meninas bebem agua de vida;
92 p. c.,-cerveja e vinho. Somente 11 p. c. dos escolares desconhecem a agua de vida."

NEGÓCIO BRASILEIRO

De uma correspondência do interior do Estado para o **Diario Nacional** de São Paulo, n. de 13-VI-28:

"Na vizinha cidade de Candido Motta, ha dias, appareceu um individuo que se dirigiu a uma fazenda, offerecendo ao fazendeiro uma troca esquisita: offerecia 40 contos, que queria trocar por 6, sem outras condições...

O fazendeiro, desconfiado, entaboulo negocio, enquanto mandava á cidade avisar o delegado. O homem foi preso, mas, logo depois, solto, pois o delegado não encontrou entre os 40 contos nenhum dinheiro falso."

POLÍTICA

Da marcha **O voto secreto**, letra de Sidney Avila e música de Donatilla Machado, á venda em São Paulo:

"Minas teceste em epopeas
D'um povo heroico a mais brilhante historia!
Mansa e serena
No proficuo labor sempre em progresso,
Escalas a pyramide suprema
Sem retrocesso
.....E hoje mais uma vez
Pelo dictame da consciencia recto
Sempre altaneira e liberal
Creas a sabia lei Voto Secreto"

REALIDADE

De uma crónica de Gastão de Carvalho no **O Paiz** do Rio, n. de 4-IX-28:

"E' por isso que os bons repertorios possuem **Loreley**, que além de conter linda musica, presta-se á phantasmagoria de uma ensenação que prende e seduz quando executada como hontem o foi, com scenarios apropriados, excellentes jogos de luz e as visões executadas com perfeição e verosimilhança tanto quanto possivel, aproximada do real."

BALCÃO**LIVROS PROCURADOS:**

Por **YAN DE ALMEIDA PRADO** (Av. B. L. Antonio 188, S. Paulo):

Accioli — "Memorias Historicas da Provincia da Bahia." — 6 vols.

Guerreiro, Bartholomeu — "Jornada dos Vasallos, etc..." — Lisboa, 1625.

id. id. "Gloriosa Coroa etc..." -- Lisboa 1642.

Cunha Mattos. "Memorias da Campanha de D. Pedro..." — 2 vols. Rio de Janeiro 1833.

Lisboa, José da Silva (Cayrú). "Historia dos Principaes Successos..." 2 vols. Rio de Janeiro 1826-1830.

Nos seus próximos

numeros a **REVISTA DE ANTROPOFAGIA** publicará em fac-simile dois autógrafos de

KRISHNAMURTI

e

MAX JACOB

trásidos de Paris por

Oswald de Andrade

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO